

farol

Verão de 2025-2026
Volume 21, Número 33

Centro de Artes
Universidade Federal do Espírito Santo
ISSN 1517 - 7858



farol

Biblioteca Setorial do Centro de Artes – Universidade Federal do Espírito Santo

FAROL – Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes – Ano 21, Número 33 – Vitória : Centro de Artes / UFES, verão 2025-2026.

Semestral

ISSN 1517 - 7858

1.Artes – Periódicos. 2. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Artes.

CDU 7 (05)

farol

Data, Volume 21, Número 33
Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo

ISSN 1517 - 7858

FICHA TÉCNICA

A Revista Farol é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo

Editores

Aparecido José Cirillo
Angela Grando

Editores de Seção

Léa Araujo
Rodrigo Hipólito
Angela Grando

Capa e Diagramação

Rodrigo Hipólito

Imagem de capa

Detalhe de "Fora!" (série Pinturas com cacetete), de Artiom Loskutov. , 2024.

Editora

PROEX/Centro de Artes
Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Artes
Campus universitário de Goiabeiras
Av. Fernando Ferrari, 514, CEMUNI I
Vitória, ES. CEP 29.075-910
revistafarolppga@gmail.com

Reitor

Eustáquio Vinicius Ribeiro de Castro

Vice-Reitor

Sonia Lopes Victor

Diretora do Centro de Artes

Larissa Zanin

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Renata Gomes Cardoso
José Eduardo Costa e Silva

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre Emerick Neves (PPGA-UFES)
Profa. Dra. Almerinda Lopes (PPGA-UFES)
Profa. Dra. Angela Grando (PPGA-UFES)
Profa. Dra. Cecília Almeida Salles (PUC-SP)
Profa. Dra. Diana Ribas (UNDS, Argentina)
Prof. Dr. Dominique Chateau (Université Paris 1, Panthéon-Sorbonne)
Profa. Dra. Isabel Sabino (FBA-UL)
Prof. Dr. João Paulo Queiroz (FBA-UL)
Prof. Dr. José Cirillo (PPGA-UFES)
Prof. Dr. Luis Jorge Gonçalves (FBA-UL)
Profa. Dra. Maria Luisa Távora (EBA- UFRJ)
Profa. Dra. Maria de Fátima M. Couto (IAR-Unicamp)
Profa. Dra. Monica Zielinsky (PPGAV-UFRGS)
Profa. Dra. Pilar M. Soto Solier (Univ. de Murcia, ES)
Prof. Dr. Raoul Kirchmayr (Univ. de Trieste, Itália)
Profa. Dra. Teresa Espantoso Rodrigues (FFL-UFBA)
Profa. Dra. Teresa F. Garcia Gil (Univ. de Granada, ES)
Prof. Dr. Waldir Barreto (DTAM-UFES)

SUMÁRIO

8 Apresentação

ENSAIOS

- 12 “Een merkwaardig misverstand”: Postcolonial reflections on Hoepla
Janna Schoenberger

SEÇÃO TEMÁTICA

- 28 O comum: “imediato-universal”?
Stéphane Huchet
- 42 O ativismo na Rússia no século XXI e as retóricas do absurdo
Cristina Antonioevna Dunaeva
- 60 Corpos em Foco: dez anos de prática fotográfica com as travestis de Roraima
Elisangela Martins
- 73 Lote Bravo: memória, luto e vulnerabilidade no trabalho de Teresa Margolles
Sheila Cabo Geraldo, Karenn Amorim
- 87 Tampouco o chão mente
Márcia Braga
- 100 Ativismo artístico e o (re)encantamento do mundo
Luiz Sérgio de Oliveira
- 114 Pictográficas e pictóricas: a arte de rua na história da arte
Elisa de Souza Martinez
- 143 Fins Comuns: tentativas do ser artista
Léa Araujo, Angela Grando

ARTIGOS

- 156 A preservação da memória institucional através de acervos fotográficos
Rosa da P. F. da Costa, Thiago G. de Oliveira, Rayra da S. Föeger, Margarete F. de Moraes
- 173 O laboratório Casa Río e seu arquivo de vozes *del Plata*
Paola Fabres

- 188** **Monumento a Fernand Deligny**
Gabriel Bonfim, Guilherme Bruschi Frizzo
- 208** **(Re)criando rituais: considerações sobre arte, judaísmo e feminismo**
Viviane Gueller
- 221** **Gênese e expansão do coletivismo artístico brasileiro no início dos anos 2000**
Pedro Caetano Eboli Nogueira
- 239** **¿De qué otra cosa podríamos hablar? Limpieza: trincheiras do visível**
Bárbara Mol
- 256** **Mierle Ukeles, arte de manutenção e o contra-feitiço da mercadoria**
Ricardo Cabral Pereira
- 267** **Hans Haacke: Retrospectiva**
André Arçari

TRADUÇÃO

- 289** **“Um Curioso Mal-entendido”: reflexões pós-coloniais sobre Hoepla**
Janna Schoenberger
Tradução: Léa Araujo
- 305** **Normas de publicação**

APRESENTAÇÃO

Apresentação

A revista Farol estabeleceu-se como um importante instrumento para a disseminação entorno da arte e da cultura numa perspectiva que se crê de resistência ao esmagamento pelos discursos dominantes e que propõe novas leituras e novas redes de conhecimento.

O dossiê temático desta edição, **Fins possíveis: desvios contemporâneos e os artistas – do – comum**, propõe novas leituras que, em sua convergência, constituem uma rede de sentidos, integrada a uma nova paisagem e as tensões que circundam o “comum” nas artes. Desde reflexões acerca do próprio termo e suas implicações na contemporaneidade, às expressões que evocam modos de olhar; assim, produzir e repensar questões intrinsecamente ligadas ao campo artístico, abrindo-se a potenciais diálogos com a sociedade. A renovação constante do contemporâneo, observável em curtos intervalos de tempo, ancora-se em pressupostos oriundos de períodos anteriores. Nesse movimento circular, situam-se múltiplos *fins*, que vem e vão. Nesse redemoinho histórico, o sistema que coopta as realizações artísticas favorece, por um lado, o esvaziamento e, por outro, as novas construções. Ao longo dos anos, ações e práticas artísticas buscam brechas em um campo no qual até mesmo pequenas fissuras são facilmente contornáveis, tornando-se parte da lógica que pretendiam combater, transformando o conflito em consenso e o campo das artes em uma permanente disputa. Ao privilegiar o conflito, esta edição opta pela pluralidade de abordagens e pela observação atenta daquilo que se insinua nas fissuras do contemporâneo, sob os degraus da crítica, da prática, e do historicismo.

O texto de Janna Schoenberger, “Een merkwaardig misverstand”, parte de pressupostos que refletem sobre a exposição televisiva da dura realidade dos molucanos na década de 1960. Ignorados antes e depois dessa exposição midiática pela sociedade e pelo governo, ofuscados pela comoção pública gerada pela exibição performática de Phil Bloom, marcada por sua aparição nua segundos antes da transmissão da trágica entrevista. Nessa edição o texto ganha tradução de Léa Araujo sob o título “Um curioso mal entendido”.

Stéphane Huchet em “O comum: “imediato-universal?”” retoma conceitos desenvolvidos em sua publicação *A Sociedade do Artista: ativismo, morte e memória da arte*, atravessando décadas e consolidando uma sólida e organizada constelação crítica em torno da noção do comum, cujo ideal, sociologicamente fundamentado na ideia de proximidade com a vida cotidiana, veicula ainda uma visada universalizante.

A práxis artística protagoniza os artigos que se seguem, afirmando-se como campo de experimentação crítica e de produção de sentido. “Em Corpos em Foco”, Eli Macuxima apresenta uma década de ações que articulam a fotografia a temas que a sociedade insiste em invisibilizar, neste caso, as travestis de Roraima, em

favor não apenas da visibilidade, mas também da resistência e da partilha estético-política, em diálogo com os aportes teóricos de Jacques Rancière e Judith Butler.

Esse mesmo arcabouço conceitual é retomado por outras autoras, como no texto, de Sheila Cabo e Karenn Amorim, que tece uma abordagem articulando memória, luto e vulnerabilidade em “Lote Bravo”, trabalho da artista mexicana Teresa Margolles”. A obra em questão se trata de uma impactante instalação referente aos feminicídios em Ciudad Juárez, como um dispositivo sensível-político de memória.

Relações entre imagem e violência reaparecem no poético texto de Marcia Braga, “Tampouco o chão mente”, título da instalação participativa desenvolvida por Braga a partir de processos colaborativos entre o coletivo Balcão da Cidadania e um grupo de mulheres em situação de privação de liberdade no Presídio Estadual Feminino Madre Pelletier.

O ativismo artístico no contexto russo contemporâneo é abordado por Cristina Dunaeva em “O ativismo na Rússia no século XXI e as retóricas do absurdo”, com as poéticas do absurdo e a ironia como fio condutor, Dunaeva apresenta um desenrolar de um novelo que permanece em movimento, parte das vanguardas históricas do Leste Europeu e permanece em presente diálogo com a arte conceitual e contemporânea.

Luíz Sérgio de Oliveira, em “Ativismo artístico e o (re)encantamento do mundo”, traça uma precisa genealogia que oferece ao leitor percursos possíveis e compreensão da produção ativista contemporânea, sobretudo com ênfase nas práticas nomeadas como “arte comunitárias”.

Elisa de Souza Martinez, em “Pictográficas e pictóricas: a arte de rua na história da arte”, observa a ocupação do espaço público, protegido por leis de tombamento, do Plano Piloto de Brasília, com obras de arte cuja intensidade se intensificou a partir dos anos 1980, com ênfase na ampliação ilimitada do repertório de técnicas para a realização de murais a céu aberto.

Em “Fins Comuns” o texto, assinado por Léa Araujo e Angela Grando, evidencia o comum a partir de uma abordagem que não se restringe aos parâmetros contemporâneos. O artigo investiga os fins das artes e os estatutos que configuram o ser artista, tomando como ponto de partida as especificidades das práticas dos chamados artistas do comum, conforme problematizadas pelo historiador da arte Stéphane Huchet (2023).

Assim, esses pesquisadores abordam a proposta temática a partir de perspectivas singulares, evidenciando a ampla gama de desvios, aproximações e atravessamentos que podem ser percorridos pelos múltiplos modos de leitura e investigação. Trata-se de um campo inesgotável de diálogos possíveis, que se mantém – e continuará a se manter – em permanente disputa. O olhar atento, a disposição em partilhar visões críticas e o consistente referencial mobilizado por cada contribuição revelam-se fundamentais para a construção coletiva deste dossiê.

Se o dossiê temático estrutura um campo mais específico de reflexão, a seção aberta da *Farol*, tradicionalmente, amplia esse horizonte ao acolher abordagens plurais e investigações críticas diversas. Por conseguinte, se desenvolvem artigos que problematizam distintos aspectos do campo das artes, reafirmando o compromisso da revista com a produção de pensamento em permanente diálogo e tensão.

No artigo “A preservação da memória institucional através de acervos fotográficos” de Rosa da Costa, Thiago Oliveira, Rayra Föeger e Margarete Moraes, a memória é apresentada como ponto de tensão entre a instituição e gestores, especialmente no que se refere a preservação imagética. Práxis, memória comunitária e questões socioambientais aparecem em “O laboratório Casa Río e seu arquivo de vozes del Plata” de Paola Fabres. Gabriel Bonfim e Guilherme Frizzo propõem uma escrita performática para expor realidades sistêmicas no ensino de artes em “Monumento a Fernand Deligny”. Viviane Gueller subverte a tradição ao tratar questões relativas à maternidade na recriação de um ritual judaico em “(Re)criando rituais: considerações sobre arte, judaísmo e feminismo”. O texto de Pedro Nogueira, “Gênese e expansão do coletivismo artístico brasileiro no início dos anos 2000”, debruça-se sobre as práticas colaborativas, as residências artísticas e as ações ativistas, junto aos movimentos de luta por moradia. A obra de Teresa Margolles é abordada por Bárbara Mol em “¿De qué otra cosa podríamos hablar? Limpieza. Trincheiras do visível.” Em uma abordagem sequencial das micropolíticas, Ricardo Pereira analisa obras de Mierle Ukeles em “Mierle Ukeles, arte de manutenção e o contra-feitiço da mercadoria”, ao refletir sobre aberturas de espaços de visibilidade no campo das artes. Em diálogo com o dossiê temático, o artigo de André Arçari, “Hans Haacke: Retrospectiva”, consolida esta seção lançando luz sobre a coerência metodológica que atravessa mais de seis décadas da produção de Haacke – a crítica ao poder corporativo e político, a exposição dos mecanismos, a memória histórica e a responsabilidade democrática.”

Somos, assim, gratos pela oportunidade de apresentar esses trabalhos na 33ª edição da revista *Farol*. Este conjunto de artigos permite de estabelecer uma teia de relações em torno da implicação da arte e da sua dimensão política, atravessando perspectivas, tensões e dissensos na construção de um território plural. Convidamos o leitor a percorrer esse caminho e, em cada texto, ampliar possibilidades de reflexão e pensamento crítico, em consonância com o diálogo aberto que orienta a trajetória da revista. Boa jornada!

Editores
Verão de 2025